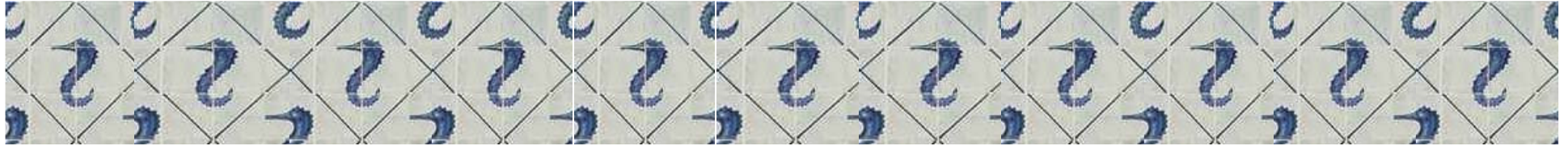




DIWAN, Pietra: *Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo.* São Paulo:Contexto, 2007.

Apresentação:
Heloisa Serzedello Corrêa



Natureza do livro: O livro teve sua origem na tese de mestrado da autora, intitulada *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl (1917-1937)*.



Sobre a autora: Mestre em História pela PUC-SP , fez curso de especialização em Ciência ,Tecnologia e Sociedade na Universidade de Granada.

Foi editora assistente da Revista História Viva, tendo publicado, na edição n. 29 desta revista, o artigo *Eugenia , a biologia como farsa.*



Tese Central: O movimento eugenista que surgiu, no Brasil no final do século XIX, e se afirmou com maior intensidade nas duas primeiras décadas do século XX, manteve estreitas relações com o processo similar que se consolidou internacionalmente, mas apresentou algumas particularidades.

A luta pela consolidação das idéias eugenistas, na sociedade brasileira, teve a liderança do médico Renato Kehl, a participação de um significativo grupo de intelectuais e revelou as relações de poder no interior deste grupo, assim como deixou claro o poder da ciência em si.



Interlocução:

Para respaldo teórico, a autora, recorre aos conceitos de biopoder, de medicalização da sociedade e de segmentaridade arborificada construídos, respectivamente, por Michel Foucault, Roberto Machado e Gilles Deleuze. Quando retrata o eugenismo internacional, conversa com Raquel Palaez, André Pichot, e Nancy Stepan. Com relação a esse movimento, na sociedade brasileira, seu principal interlocutor é Renato Kehl, e em grau menos significativo Monteiro Lobato.



Estrutura

Paratexto:

- Orelha com síntese do livro
- Trechos elogiosos na contracapa, assinados por Margareth Rago e Oscar Pilagallo.
- Inúmeras imagens, entre outras: árvore do eugenismo (p.15); homem assinando autorização à própria esterilização (p.51); medalha de boa herança (p.53); alemães realizando exames antropométricos (p.67)
- Bibliografia no final do livro

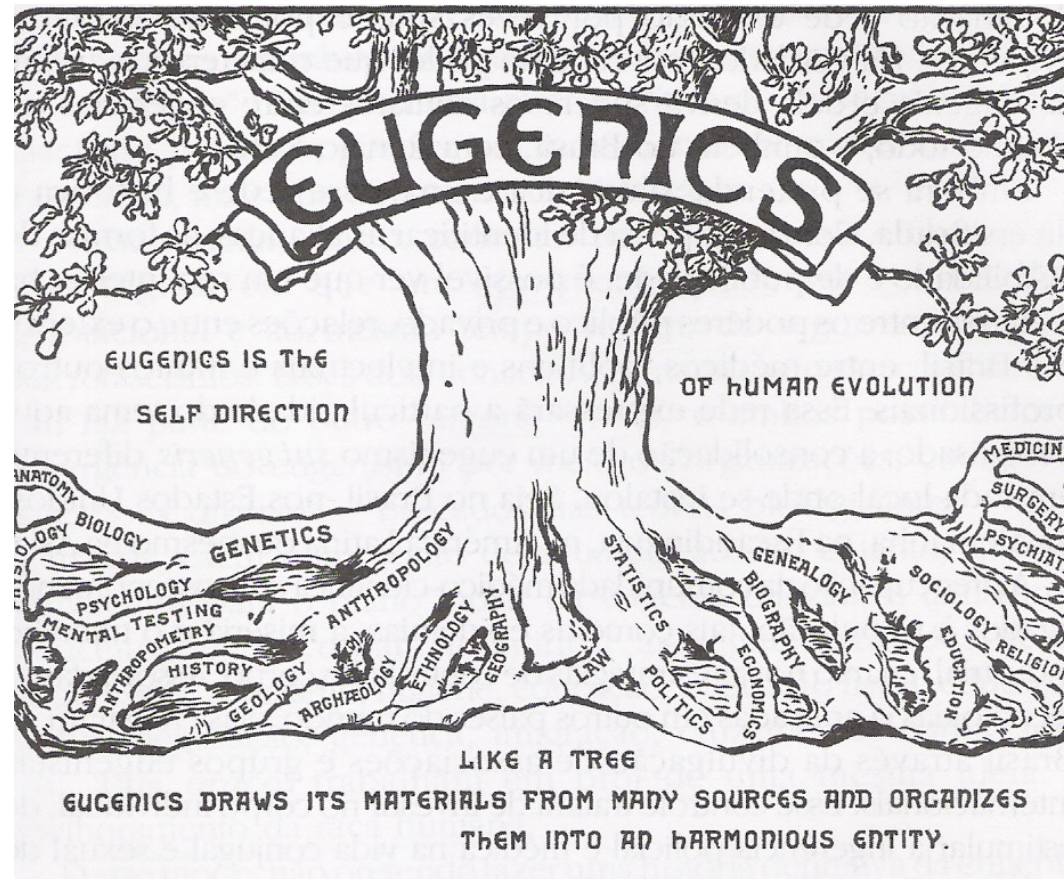
Introdução(pp.9-19)

Relevância do tema:

-perceber possíveis relações entre o movimento eugênico e uma atitude, que reina no mundo contemporâneo ocidental, de uma excessiva valorização da beleza física , esta cada vez mais uniformizada, e da idéia de saúde, intimamente ligada à questão da boa aparência e da eficiência para o mercado.

-pensar sobre a ética da manipulação dos genes e dos riscos, que acredita existir, na emergência de um neo-eugenismo “pautado no terapia genética e na seleção embrionária para a obtenção de bebês cada vez mais saudáveis”(p.18).

A metáfora da árvore



A eugenia se utilizou da imagem da árvore para representar o processo máximo de evolução humana, o ideal da pureza racial. A autora propõe perceber nesta imagem, significados diferentes. Acredita que ela possa representar a rede de poder que caracteriza a vida social.

O conceito, construído por Deleuze, de *segmentaridade arborificada*, inspira o seu trabalho.

A eugenia e sua genética histórica

A gênese de uma pseudociência (pp.21- 46)

Sobre a emergência da eugenia a autora afirma::

É preciso considerar a herança da tradição laica do mundo ocidental, que tornara a natureza um campo de conhecimento do homem, e seu funcionamento um conjunto de regras e teorias, mas principalmente, o advento do capitalismo, do conhecimento biológico e do papel que esse saber exerceu na vida social, de controle da população. Identificar os denominados biopoderes , segundo Foucault “(p.27)

Sobre o desenvolvimento do conhecimento biológico, no século XIX, a autora destaca três campos :

A fisiologia que explica o funcionamento dos órgãos e sua relação com o organismo adquire um grande avanço e aplicação imediata na medicina experimental. A química e a física tornaram-se elementos primordiais na explicação da vida, o que possibilitou uma percepção da sociedade como um organismo e este como uma máquina. E na medida em que ocorreu a transposição de tal idéia para o nível do social, entendeu-se que seria do equilíbrio da sociedade em relação a seus grupos que dependeria a sobrevivência do indivíduo.

A descoberta da microbiologia por Louis Pasteur, que embasa a medicina social. A invenção das vacinas, e de outras técnicas curativas, para as doenças epidêmicas do século XIX, tiveram o papel de biologizar a política. Passa-se a ditar normas de curar e regras higiênicas. Surgem os médicos higienistas.

Com relação ao evolucionismo que se impõe com a teoria de Charles Darwin, a autora o considera “um dos principais alicerces teóricos da eugenia”(p.30). A aplicação política dessas idéias se consolidarão no darwinismo social, “que dará voz a elementos racistas e eugenista”(p.30).

E essa corrente de pensamento ao se apropriar das teorias de Gregor Johan Mendel e de Augusto Weisman sobre as leis da hereditariedade e da genética, que afirmavam que as gametas são responsáveis “pela transmissão dos caracteres, ancestral e imutável pelo meio ambiente”(p.31), vão respaldar a idéia de que a seleção natural estaria assegurada porque eliminaria, naturalmente e através de gerações, os caracteres defeituosos ,inferiores.

A autora estabelece uma relação entre as conquistas da biologia, a aceitação das leis da hereditariedade e crescimento do poder e da dominação da burguesia.

A Inglaterra degenerada

O medo acarretado pelo surgimento das multidões terá, por parte dos higienista e eugenistas, diferentes percepções e propostas de soluções.

Francis Galton : o pai da eugenia(pp.37-45)

Momentos significativos do processo de construção da teoria de aperfeiçoamento da raça humana: teoria de Galton

A influência exercida pelo livro, de seu primo, Darwin, *A Origem Espécies*.

A produção das seguintes obras:

Hereditary Genius (1873): o talento é hereditário e não resultado do meio ambiente.

Hereditary Improvement(1873): o valor da raça é mais importante do que a educação e o meio ambiente.

A Theory of Heditary(1875) não só o talento é hereditario mas também o são a doença mental, o crime e a marginalidade.

Inquiry into Human Faculty and its Development: funda a pesquisa antropométrica e seus instrumentos de medição do físico humano e o método de análise das impressões digitais.

Utiliza pela primeira vez o termo *eugenia*: do grego **eugenes**, que quer dizer de linhagem, dotado hereditariamente com nobres qualidades.

Capítulo II
“Super-homem no poder”
Governos usam eugenia com um ideologia (pp 47-85)
Um sucesso institucionalizado mundialmente

A teoria de Galton assumiu facetas particulares de acordo com a época e o país e se expandiu, mundialmente, entre os anos de 1900 e 1940. Legitimou-se pelo argumento científico e médico, e tornou-se uma das mais eficazes armas de controle social e político.

Em 1909, no livro *Parenthood and Race Culture*, o médico inglês C.W.Saleeby classificou a eugenia em positiva e negativa. A primeira, representada pela teoria de Francis Galton, definida por ele como a ciência da boa geração, tinha como objetivo povoar o planeta de gente sã, estimulando o casamento entre os bem dotados biologicamente (p50) e se propõe a desenvolver programas educacionais para a reprodução consciente de casais saudáveis, e a desencorajar aqueles com caracteres supostamente “inferiores” de procriar”(p.50).

A eugenia que ficou conhecida como a negativa postulava que a inferioridade é hereditária, e a única maneira de livrar a espécie da degeneração seria através da esterilização eugênica, consentida ou não. Prevê métodos como a eutanásia ,o infanticídio e o aborto. A Alemanha nazista implantou tais medidas.

Segregação e restrição: o medo do diferente (pp.51-71)

Presença das idéias eugenista, nos Estados Unidos, desde o final do século XIX. Intensifica-se no início do séculoXX..

Em 1903, surgiram inúmeras instituições eugênicas como a **Associação Americana de Reprodução** dirigida por um comitê de pesquisa que pregava a necessidade de leis de esterilização e de restrição ao casamento. Sua preocupação central era eliminar os indesejáveis, não só do ponto de vista biológico mas, também, mental e social como esclarece um documento oficial da cidade de Chicago que estabelece como inaptos :

“Os débeis mentais, os loucos, os criminosos, os epilépticos, os alcoólatras e todo tipo de viciados , os doentes (tuberculosos sifilíticos, leprosos) os cegos, os surdos, os disformes, os indivíduos marginais (órfãos, vagabundos, moradores de rua e indigentes).”

Essas instituições eram, geralmente, financiadas por magnatas como aconteceu com o Escritório de Registro Eugênico(ERO) que teve Andrew Carnegie como patrocinador. Dirigido pelo geneticista Charles Davenport,esse estabelecimento de pesquisa arquivava as características pessoais de várias famílias americanas com o objetivo de poder aconselhar aquelas pessoas, consideradas saudáveis, a escolher os seus melhores parceiros e, ao mesmo tempo, prevenir a propagação daqueles que eram portadores de defeitos.

Foi nesse contexto que a primeira lei de esterilização foi aprovada (1907). “Estima-se que mais de 50 mil pessoas tenham sido esterilizadas, nos Estados Unidos, entre os anos de 1907 a 1949” (p.57). E, as esterilizações continuaram a serem realizadas até o ano de 1960.



Na imagem, uma família norte-americana exemplar; inscrita e considerada eugenizada pelo concurso de "Fitter Families" recebeu a "medalha da boa herança" que trazia os dizeres: "Sim, eu tenho uma boa descendência!"

Em defesa da raça, a ciência da morte (pp.63-71)

As primeiras idéias do pensamento eugênico foram introduzidas da Alemanha, no final do século XIX, através da publicação do livro de **Wilhelm Schallmaver**, *Hereditariedade e Seleção nas Histórias das Nações*.

Tais idéias conviveram, nesse país, com um movimento preocupado com a defesa da superioridade da raça nórdica, percebida como capaz de melhor enfrentar os desafios da civilização.

Com a ascensão do nazismo a teoria eugênica adquire o seu aspecto mais radical e se mescla com a ideologia da supremacia ariana.

A lei da esterilização é aprovada com o seguinte artigo:

“Toda pessoa portadora de uma doença hereditária poderá ser esterilizada por meio de uma operação cirúrgica, se, após as experiências médicas, for atestado que há uma grande probabilidade de que os descendentes dessa pessoa sejam afetados por um mal hereditário grave, mental ou corporal.(...)É considerado portador de uma doença hereditária pelo senso da lei toda pessoa que sofre das seguintes doenças: 1)debilidade mental congênita; 2)esquizofrenia; 3)loucura circular; (maníaco depressivo); 4)epilepsia hereditária; 5)doença de Huntington; 6)cegueira hereditária; 7)cegueira hereditária 8)mal formação corporal grave e hereditária.”

Nórdicos, Brancos e Puros (pp.71-74)

Dois momentos do movimento eugênico.

Mestiçagem cósmica ou superioridade latina(pp.64-71)

A vivência do movimento eugenista apresentou, na América Latina, particularidades de acordo com o país, mas, segundo o texto, pode-se perceber que em comum entre as várias experiências estava o desejo de transformação racial, diretamente ligado à construção das identidades nacionais.

Este movimento teria se mostrado mais radical na Argentina. Em 1932, fundou-se a Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social (AABE) “arquivo racial nacional”

O Paradoxo Tupiniquim(pp.87-121)

A intelectualidade brasileira embriaga-se com as idéias eugenistas

Pensar o movimento eugênista, na sociedade brasileira, exige que se considere que o racismo e as teorias degeneracionistas já faziam sucesso entre os intelectuais e os médicos brasileiros, desde o século XIX.

As teorias, que justificavam a impossibilidade “do progresso no Brasil (...)devido a promiscuidade racial de seus povos”(p.88), construídas, no século XIX, pelos inúmeros viajantes, como Gustave Le Bon, Gobineau e Louis Agassiz, haviam deitado raízes entre os letrados, que vão construir concepções sobre o Brasil.

A idéia da miscigenação, como impedimento para o desenvolvimento do país, é adotada “pelos médicos da Faculdade de Medicina de Salvador, em especial pelo o grupo conhecido como Escola Nina Rodrigues”(p.91).Acreditavam que a mistura de raças proporcionava a loucura, a criminalidade e a doença.

Primeiras pregações eugenistas: No ano de 1897, o médico **Agostinho José de Souza Lima** já pregava a eugenia da nacionalidade, numa conferência intitulada Exame Pré-nupcial, realizada na Academia Nacional de Medicina, da qual era presidente. Propôs uma lei para tornar obrigatório o exame pré-nupcial, e exigir o impedimento legal para os casamentos de tuberculosos e sífilíticos.

Anos depois, **Renato Kehl**, no seu livro *A cura da fealdade*(1917) criticou a morosidade da justiça e a **falta de visão de advogados e legisladores** em implantar tal proposta, afirmando:

“as leis são geralmente elaboradas pelos advogados , sem que haja interferência médica, daí a grande lacuna do nosso Código Civil, no que diz respeito à proteção da família contra as doenças transmissíveis, por contágio ou herança(...)Mas o legislador brasileiro, aferrado, ainda, ao dogmatismo jurídico mal compreendido, recusou-se a satisfazer a essa aspiração nacional, talvez levado pelo receio de cercear a decantada liberdade individual”(p.94)

Autora percebe nesse recorte do livro de Renato Kehl:
idéia de medicalização da sociedade e aliança e conflito de autoridade entre os médicos e os juristas

Afirma: “Muitos debates serão travados entre eles, principalmente para definir quais seriam os limites da autoridade médica diante da sociedade(...)Isto porque na ótica médica, os advogados eram instrumentos legislativos para aplicação dos diagnósticos feitos pelos médicos. Caberia a eles elaborar e fiscalizar a implantação das leis de cura social. Ao contrário, legisladores e advogados acreditavam que o médico era um técnico que os auxiliaria na boa aplicação das leis sanitárias. ”(p.94)

Realizações do movimento eugênico: Vários livros foram publicados, teses realizadas, abordando o tema da eugenia, nas duas primeiras décadas do século passado. Entre eles encontram-se as teses de **Miguel Couto**, denominada *Eugenia* e a de **Alexandre Tepedino**, também, denominada *Eugenia*.

Renato Kehl, em 1917, realiza uma **conferência**, na Associação Cristã de Moços de São Paulo e publicada nos *Annaes de Eugenia* que foi considerada “a inauguração da empreitada pela eugenia no Brasil”(p.96) Define a eugenia como” a ciência da boa geração”(p.96).

Publicação dos Annaes da Eugenia, patrocinada pela SESP.(1919) Artigos dessa revista encontrarão um espaço bastante significativo na grande imprensa.. Estão entre esses artigos: “*Meninas feias e meninas bonitas*” de Fernando de Azevedo; “*O que é eugenia*” por Renato Kehl; “*Moral e Eugenia*” de Noé de Azevedo.

Fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo (Sesp), em 1918. que contou com a participação de 140 associados, interessados em discutir a questão da nacionalidade. Entre os seus membros, que exerceram cargos administrativos, estavam: o médico, fundador do Instituto Vacinogênico de São Paulo, **Arnaldo Vieira de Carvalho** (presidente); **Olegário de Moura** (vice-presidente); o médico **Renato Kehl** (secretário Geral), **T.H.Alvarenga e Xavier da Silveira** (segundo secretários); médico sanitarista **Artur Neiva**, o médico **Franco da Rocha**, fundador do Hospital Psiquiátrico de Juquery, (conselho consultivo).

A Sesp tinha por objetivo “estudar as leis da hereditariedade; a regulamentação do meretrício, dos casamentos e da imigração; as técnicas de esterilização; o exame pré nupcial; a divulgação da eugenia”(p.100).

Fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil (LPSB), em 1918 com a proposta de discutir projetos para a área de saúde. Contou com a participação de **Belisário Penna**, **Carlos Chagas**, **Arthur Neiva**, **Monteiro Lobato**, **Miguel Pereira**, **Vital Brasil** e **Afrânio Peixoto**.

A relação da Liga com os seus membros pode ser percebida no seu patrocínio ao primeiro livro de Monteiro Lobato, *Problema Vital*, coletânea de artigos com análises e críticas para o saneamento do Brasil, que foi prefaciado por Renato Kehl.

Fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em 1922, na capital federal com a elite da psiquiatria nacional, de médicos, educadores, juristas, empresários e políticos (p.103) vai catalisar os debates ligados à melhoria da raça e à eugenia (p.103). Fundada e dirigida pelo psiquiatra, Gustavo Reidel, tinha o intuito de combater “os fatores comprometedores **da higiene da raça** e a **vitalidade da nação**”(p.103). Deu maior ênfase a questão da esterilização compulsória dos degenerados”(p.104), questão que vai ser elemento de discórdia dentro do grupo. Entre os 120 associados encontravam-se: **Juliano Moreira**, diretor do Sanatório de Saúde Mental; **Miguel Couto**, presidente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; **Carlos Chagas**, diretor do Hospital Oswaldo Cruz; **Edgar Roquette Pinto**, diretor do Museu Nacional; e os psiquiatras **Henrique Roxo** e **Afrânio Peixoto**, pioneiro da medicina legal e “que contribuiu para a radicalização da instituição a partir de 1925(p.104).

Novidade do final década de vinte: a campanha da eugenia será “financiada pelos poderes públicos (p.105)

Renato Kehl, o médico do espetáculo?(pp.123-152)

Como salvar um povo feio, inculto e triste

Considerado como aquele que “melhor expressou os desejos e anseios de todos os eugenistas”(p.123), r

Renato Kehl publicou uma extensa obra, destacando-se *A cura da fealdade*(1923), *Lições de Eugenia*, tido como o seu livro síntese.(1929), *Sexo e Civilização*(1933), *Typos vulgares*(1946).

Defendeu em *Lições da Eugenia* os preceitos teóricos dos três biólogos mais representativos de seu tempo. A idéia de **Gregor Mendel**, de que o meio ambiente é incapaz de interferir nas leis de hereditariedade, o pressuposto teórico de August Weismann de que a continuidade e perpetuação da espécie estavam condicionadas à combinação dos caracteres, e os princípios biométricos criados por Galton.

Kehl pensava a questão nacional, preocupação primordial de sua época, sob a perspectiva da cura e da regeneração. Para ele, três medidas deveriam ser implantadas: a separação dos tipos eugênicos, a eliminação dos fatores disgênicos e o minucioso controle da imigração.

Os eugenistas percebiam os seres divididos em duas categorias sociais: a da aristogenia, classe geneticamente superior, e a da cacogenia constituída de indivíduos inferiores que poderiam ser agravados pela disgenia, ou seja, desvios e doenças transmitidas de pai para filho.

Eram considerados fatores disgênicos para Kehl: o pauperismo, o alcoolismo, a sífilis, a tuberculose, o urbanismo, a ignorância, a tristeza e a feiúra, física e moral (p.131)

Monteiro Lobato e o futuro eugenizado (p.105-112)

Para a autora, Monteiro Lobato representa o pensamento eugenista, na literatura,. Seu livro O Choque, faz defesa de ideais eugênicos, como se vê em uma carta escrita a Renato Kehl, na qual se pode ler:

Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti eu devia me dedicar o meu Choque, grito de guerra pró-eugenia.(...) Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda.É como a vinha. Lobato

Segunda fase: a radicalização da eugenia(p.112-117)

Grande importância o ano de 1929 para a Eugenia: foi realizado o **Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**, com mais de duzentos participantes entre professores, médicos, biólogos, psiquiatras, jornalistas, escritores, deputados.

Na sua seção inaugural Roquette Pinto estabeleceu a **distinção entre Medicina e Eugenia**:

“(...)supõe-se que o meio dominava o organismo, portanto a Medicina e a Higiene resolveriam o problema da saúde; mas a ciência demonstrou haver alguma coisa que independe da Higiene: é a semente, a herança que depende da eugenia.”

Os médicos e os monstros (p.134-148)

Segundo a autora “houve uma transformação histórica nas sensibilidades em relação ao olhar dirigido à deformidade humana, no Ocidente. Os monstros, aqueles que apresentavam uma deformidade humana, transformaram-se, através da medicina social, de espetáculo de circo em pacientes que geravam compaixão.

O eugenismo, avesso ao assistencialismo, percebe o corpo imperfeito, disgênico, à fealdade, à anormalidade, à monstruosidade e à doença. Nessa perspectiva os corpos imperfeitos se contrastam com os perfeitos, civilizados. E os homens imperfeitos adquirem um status de incivilidade, e como deveriam ser colocados sob a autoridade do médico e do Estado, que os percebem como um ônus para a sociedade, são, assim, desumanizados.(p.138). A aposta do eugenismo é criar o corpo do novo homem, o corpo da nova sociedade.

Para Renato Kehl todo doente é um monstro, um anormal (p.139) Na *Cura da Fealdade* afirma:

“(...) a palavra fealdade, aqui empregada, tem a significação mais ampla do que a do que a do entendimento corrente. Não corresponde à falta de predicados físicos (...)emprestei-lhe o sentido galtoniano de cacogenia. Em outros termos ela equivale à anormalidade, à morbidez assim como a beleza equivale à normalidade, à saúde integral”.(autora não informa a página)”

Do centro ao isolamento (p.148-151)

Após o final da Segunda Guerra Mundial, Renato Kehl reorientou seu discurso para uma disciplina em formação no Brasil, a Psicologia, sendo considerado um dos pioneiros no estudo da psicologia da personalidade.

Interesse para a Pesquisa:

Saber que existiu, de maneira bastante significativa, na sociedade brasileira, um movimento liderado pelos médicos, que propunha um método de purificação do povo, que deveria passar pela eliminação, a médio prazo, através da restrição aos casamentos, e de maneira mais radical pela esterilização, daqueles que eram considerados indesejáveis, feios segundo Renato Kehl, pq. portadores de certas doenças hereditárias, como a epilepsia,

Inúmeras informações sobre os nomes dos médicos, envolvidos nesse movimento, e de suas obras,(me parece que os livros de Renato Kehl devem trazer referências aos epiléticos)assim como a existência, naquela época , de instituições e congressos, que podem ter deixado atas e publicações.

Perceber como as décadas de 20 e 30, do século passada, construíram e vivenciaram internacional e nacionalmente, propostas autoritárias, incluindo-se aí, o eugenismo e sua proposta de “defesa da sociedade”. Atentar para o recorte da Segunda Guerra Mundial.

O texto aponta para os conflitos existentes entre o campo médico e do direito, na sociedade brasileira. Desperta a curiosidade de aprofundar o conceito de segmentaridade arborificada.

